

## FICHA TÉCNICA

[www.manuscrito.pt](http://www.manuscrito.pt)  
[facebook.com/manuscritoeditora](https://facebook.com/manuscritoeditora)

2015

Direitos reservados para Letras & Diálogos,  
uma empresa Editorial Presença,  
Estrada das Palmeiras, 59  
Queluz de Baixo  
2730-132 Barcarena

Título original: *A biografia íntima de Leopoldina*

Autor: *Marsilio Cassotti*

Copyright © Marsilio Cassotti, 2015

Copyright © Attilio Locatelli, 2015

Copyright © Letras & Diálogos, 2015

Tradução © Sandra Martha Dolinsky

Capa: *C&P Design*

Imagem da capa: *AKG e Album/Atlanticopress*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo – Artes Gráficas, Lda.*

ISBN: 978-989-8818-03-4

Depósito legal n.º 393 733/15

1.ª edição, Lisboa, junho, 2015

## Índice

|                                                    |    |
|----------------------------------------------------|----|
| <b>Capítulo I</b>                                  |    |
| O sonho de uma imperatriz (1797) .....             | 13 |
| <b>Capítulo II</b>                                 |    |
| Sob as asas da águia (1798-1806) .....             | 19 |
| <b>Capítulo III</b>                                |    |
| Uma madrasta muito querida (1807-1809) .....       | 27 |
| <b>Capítulo IV</b>                                 |    |
| Cunhada do «Diabo» (1810) .....                    | 37 |
| <b>Capítulo V</b>                                  |    |
| Lições de história portuguesa (1811-1814) .....    | 47 |
| <b>Capítulo VI</b>                                 |    |
| Um príncipe português na América (1814-1816) ..... | 57 |
| <b>Capítulo VII</b>                                |    |
| As joias do Império português (1816-1817) .....    | 67 |
| <b>Capítulo VIII</b>                               |    |
| «Um homem lindíssimo» (1817) .....                 | 77 |
| <b>Capítulo IX</b>                                 |    |
| <i>Intermezzo</i> italiano (1817) .....            | 87 |
| <b>Capítulo X</b>                                  |    |
| «Uma terra abençoada» (1817) .....                 | 99 |

|                                                                |     |
|----------------------------------------------------------------|-----|
| <b>Capítulo XI</b>                                             |     |
| Educar um marido (1817-1818) .....                             | 113 |
| <b>Capítulo XII</b>                                            |     |
| Uma rainha de Portugal nascida no Brasil (1818-1819) .....     | 125 |
| <b>Capítulo XIII</b>                                           |     |
| As paixões da jovem Leopoldina (1819-1820) .....               | 137 |
| <b>Capítulo XIV</b>                                            |     |
| «O fantasma da liberdade» (1820-1821) .....                    | 145 |
| <b>Capítulo XV</b>                                             |     |
| «Diga ao povo que fico» (1821-1822) .....                      | 155 |
| <b>Capítulo XVI</b>                                            |     |
| «As afinidades eletivas» (1822) .....                          | 167 |
| <b>Capítulo XVII</b>                                           |     |
| Imperatriz (1822-1823) .....                                   | 179 |
| <b>Capítulo XVIII</b>                                          |     |
| Amor divino e amor profano (1823-1824) .....                   | 189 |
| <b>Capítulo XIX</b>                                            |     |
| O diário de uma precetora inglesa (1824) .....                 | 195 |
| <b>Capítulo XX</b>                                             |     |
| « <i>La maîtresse en titre</i> » (1824-1825) .....             | 207 |
| <b>Capítulo XXI</b>                                            |     |
| «Uma filha ainda ingênua» (1825-1826) .....                    | 215 |
| <b>Capítulo XXII</b>                                           |     |
| Melancolia (1826) .....                                        | 223 |
| <b>Capítulo XXIII</b>                                          |     |
| A consagração da Imperatriz (1826) .....                       | 233 |
| <i>Dramatis personae</i> (por ordem de aparição na obra) ..... | 245 |
| Notas .....                                                    | 253 |
| Bibliografia .....                                             | 267 |

## Capítulo I

### O sonho de uma imperatriz

(1797)

Sentada na borda da parte de trás de uma carroça que os camponeses usavam para transportar palha, Maria Antonieta parece indiferente a tudo o que a rodeia. Como se os insultos que a multidão lhe vai gritando, enquanto a conduzem à morte pelas ruas de Paris, fossem dirigidos a outra pessoa.

«Quem poderia ter reconhecido naquela mulher, de touca e lábio inferior saliente, dobrado num esgar de desprezo, a radiante arquiduquesa austríaca que tinha chegado 23 anos antes a Versalhes para “fazer a felicidade de França”?<sup>1</sup>»

«À guilhotina! À guilhotina!», gritou de súbito outra mulher. A raiva que lhe sai da boca é tão intensa que a rainha não pode deixar de virar a cabeça e olhá-la.

É possível que esta cena tivesse cruzado a mente da imperatriz Maria Teresa no dia em que deu à luz a arquiduquesa Leopoldina de Habsburgo, em princípio destinada a ser rainha de Portugal. Tantas vezes lhe tinham falado da morte da tia que não seria estranho que até tivesse sonhado com ela. Não se sabe quem terá sido o primeiro a contar-lha, talvez a sua mãe, a irmã favorita de Maria Antonieta.

Seja como for, naquela madrugada de 22 de janeiro de 1797, a imperatriz Maria Teresa não ouvia em seu redor os gritos da plebe de Paris, mas antes os ruídos característicos de um quarto em que uma mulher está em trabalho de parto. No seu caso, os aposentos de tetos altos e de portas douradas de uma ala do palácio imperial de Viena.

Nevava copiosamente nessa madrugada, e o silêncio da praticeta situada aos pés das janelas dos seus aposentos ainda não tinha sido quebrado pelo repicar dos sinos da capela imperial a chamar para a primeira missa de domingo.

Estando prestes a dar à luz um novo descendente do imperador do Sacro Império Romano-Germânico, evocar a morte violenta da rainha Maria Antonieta de França poderia ser interpretado como mau agioiro. Sobretudo quando a parturiente nascera e fora criada em Nápoles, cidade conhecida pelas crenças e superstições dos seus habitantes de todas as classes.

Assim sendo, se em algum momento dessa madrugada lhe tivesse passado pela mente a imagem da tia enquanto era conduzida à guilhotina, Maria Teresa tê-la-ia afastado rapidamente, preferindo recordar que, na Áustria, se considerava um bom presságio que uma criança nascesse num domingo.

Entretanto, o parteiro imperial tentaria parecer seguro de si enquanto as nobres aias trocariam olhares furibundos, disputando o privilégio de colocar mais uma almofada no leito da imperatriz.

Desde que o médico imperial lhe confirmara que estava de novo grávida, talvez se tivesse colocado, em algum momento, a velha pergunta: «Menino ou menina?» Embora soubesse, por experiência própria, que o destino das princesas reais era, ao casarem-se, acabar quase sempre muito longe do local de nascimento, Maria Teresa sempre desejara ter muitas filhas.

Mas tudo isso mudara depois de terem cortado a cabeça à sua tia. E, acima de tudo, desde que aqueles franceses frívolos tinham decidido levar a sua *Révolution* a outros Estados da Europa. É provável que Maria Teresa tivesse ouvido alguma vez a sua mãe, a mais inteligente das irmãs de Maria Antonieta, dizer que na história da Europa não era raro que as rainhas pagassem os erros políticos cometidos pelos respectivos esposos. Algo paradoxal, dado que muitas vezes era através das mulheres que os homens alcançavam dimensão histórica.

A imperatriz ignorava decerto o que tinha acontecido havia menos de um ano, com um pequeno capitão francês, corso de origem, casado com uma aristocrata de origem crioula.

Graças ao facto de a sua mulher ter sido amante de uma das personagens mais importantes da *Révolution*, Napoleão Bonaparte havia conseguido ascender a general de uma armada, encarregado, em princípio, de abrir uma frente de guerra em Itália com a finalidade de afastar os ataques inimigos de França.

Mas esse oficial, que mal ultrapassava o metro e sessenta de altura, tinha-se revelado um génio militar e ameaçava agora tomar a cidade italiana de Mântua — e era essa a principal preocupação do homem que aguardava numa pequena sala próxima dos aposentos de tetos altos e portas douradas onde a sua augusta esposa, a imperatriz do Sacro Império Romano-Germânico, se encontrava prestes a dar à luz.



Nascido em Florença, quando o seu pai era grão-duque da Toscana, Francisco de Habsburgo era capaz de se distanciar das situações mais complicadas ou dolorosas, recorrendo ao que os italianos chamam de *leggerezza*. Fora assim que aceitara a morte da primeira mulher, uma jovem e belíssima princesa alemã por quem estava muito apaixonado.

Maria Teresa, com quem se casara em segundas núpcias, era sua prima direita e primogénita dos 17 filhos da arquiduchessa Maria Carolina, rainha consorte de Nápoles, irmã de Maria Antonieta e do pai de Francisco.

Da mãe, Maria Teresa tinha herdado a saúde de ferro e a predisposição para a fertilidade e, para sua desgraça, o nariz e a boca demasiado grandes em relação ao rosto.

Diz-se que desde o início se mostrara demasiado efusiva com o marido «para uma princesa» e, por isso, lhe atribuíam uma natureza muito sensual. Algumas vozes maliciosas contavam que, aos 16 anos, quando ainda vivia em Nápoles, havia engravidado e dado à luz uma menina. É possível, porém, que se tratasse de um rumor posto a correr para a desacreditar.

Tornar-se, como primeiro passo, necessária ao marido «nas coisas pequenas» para depois sê-lo «nas grandes» fora sempre uma manha de qualquer princesa real que desejasse controlar o seu esposo, e talvez isso não tivesse agradado muito aos Austríacos.

Contudo, com o passar dos dias de casado, Francisco apercebera-se de que a sua mulher não só era de trato fácil como quase sempre estava de bom humor. Assim, pouco a pouco, Maria Teresa foi ganhando influência junto dele.

Em dezembro de 1791, deu-lhe o seu primeiro descendente, a arquiduquesa Maria Luísa, que seria, no futuro, a segunda mulher de Napoleão Bonaparte. A felicidade pelo nascimento da primogénita foi de pouca dura, pois, quatro meses mais tarde, a França revolucionária declarou guerra ao Império dos Habsburgo.

Após a morte, em 1792<sup>2</sup>, do imperador que antes havia sido grão-duque da Toscana, a ascensão ao trono imperial do seu filho — a partir de então Francisco II — foi abençoada com uma nova gravidez da esposa, que resultou no nascimento de Fernando, o ansiado filho varão, em abril de 1793; infelizmente esse menino, destinado a suceder-lhe no trono, revelar-se-ia mentalmente débil.

A morte da rainha Maria Antonieta de França, que ocorreu em outubro desse mesmo ano, foi para Francisco II mais desagradável que dolorosa, pois nunca havia sentido grande estima por essa tia. Todavia, serviu-lhe para perceber que o carácter alegre da mulher era uma espécie de bálsamo para a sua mente, especialmente num momento em que os revolucionários franceses haviam decidido estender *la liberté* até aos territórios italianos pertencentes ao seu Império.

Por seu lado, a imperatriz confirmou com factos a suposição de que seria tão fértil quanto a sua mãe: após o herdeiro, deu ao marido duas meninas, nascidas, respetivamente, em 1794 e 1795, e continuaria a dar à luz quase uma vez por ano até chegar aos 12 filhos.

Por altura da última semana de abril de 1796, a imperatriz Maria Teresa engravidou pela quinta vez, daquela que seria Leopoldina. Os primeiros meses de gravidez foram agrídoces, ensombrados pelas notícias que chegavam à corte de Viena da frente de guerra.

O arquiduque Carlos, irmão mais novo do imperador e brilhante militar, conseguiu, entre agosto e setembro desse ano, duas importantes vitórias sobre a França revolucionária. Porém,

a revelação do general Bonaparte no palco de guerra italiano após a vitória dos franceses nos campos de Rivoli tinha começado a pôr em xeque os territórios do norte da península.

Era por isso que, enquanto a imperatriz Maria Teresa se esforçava em trabalho de parto, o marido não conseguia deixar de pensar na situação de Mântua, sitiada pela tropas desse pequeno general corso que tinha o dom de se fazer amar quase cegamente pelos seus soldados, algo de muito valioso para um militar.

Por fim, Maria Teresa deu à luz a futura mulher de Pedro de Bragança, a quarta filha que dava ao marido. Três dias mais tarde, o jornal mais importante da capital do império, o *Wiener Zeitung*, comunicava aos vienenses: «Às sete e meia da manhã de domingo, dia 22, Sua Majestade a Imperatriz deu à luz uma arquiduquesa.» Então, já a menina havia recebido as águas batismais e, com elas, o nome de Carolina Josefa Leopoldina Fernanda Francisca.

Uma semana depois do batizado de Leopoldina, como seria chamada em família, a cidade de Mântua caiu nas mãos dos Franceses. Esse triunfo militar consolidou a carreira de Napoleão. Apesar de ter nascido numa das ilhas mais pobres do Mediterrâneo e de ser filho de um simples advogado, Napoleão iria tornar-se o homem mais poderoso da Europa e casar-se com Maria Luísa da Áustria, irmã mais velha de Leopoldina.

«Uma arquiduquesa cuja infância e juventude decorreu durante o período no qual a Europa se viu agitada por um fenómeno natural em forma de génio militar como não experimentara havia séculos.»<sup>3</sup>

Embora os pais fizessem todos os possíveis para manter Leopoldina e os irmãos longe das guerras que se travavam na Europa durante aqueles anos, a maior parte das arquiduquesas — mais inteligentes e sensíveis que os filhos varões — não ficaria imune às influências das mudanças revolucionárias que a ação de Napoleão teria nas leis, nos costumes e até na maneira de pensar.

No momento do nascimento de Leopoldina, «para Bonaparte não restava mais que colher os frutos das suas vitórias: Rivoli e Mântua tinham semeado o pânico pelos estados italianos, pequenos e grandes»<sup>4</sup>. De facto, após a queda de Mântua, em Viena já começava a temer-se a chegada dos exércitos franceses.

Francisco II lançou mão de todos os meios ao seu alcance para evitá-lo. Contudo, quando o risco aumentou, acabou por aceitar um armistício com o inimigo, assinado em meados de abril de 1797, quando a arquiduquesa ainda não tinha completado três meses.

Dois meses antes de a pequena Leopoldina completar um ano de vida, o pai fez algo mais surpreendente aos olhos dos seus súbditos. Para escândalo da sogra, a rainha Maria Carolina de Nápoles, que odiava os Franceses, considerando-os responsáveis pelo «martírio» da sua irmã, o imperador assinou, com os herdeiros dos assassinos da tia, a Paz de Campoformio.

Entretanto, Leopoldina, que herdaria o pragmatismo paterno, crescia, tal como os restantes irmãos, protegida pela família, pelo menos das incertezas que as ambições napoleónicas geravam nas casas reinantes europeias do Antigo Regime. Conta-se, porém, que, desde os primeiros meses de vida, esta arquiduquesa da Áustria desenvolveu uma espécie de ansiedade, chegando a ferir os mamilos da ama de leite tal era a intensidade com que se lhes prendia quando era amamentada.

## Capítulo II

### Sob as asas da águia (1798-1806)

A arquiduquesa Leopoldina herdou, também, as características físicas tradicionais dos Habsburgo do ramo austríaco. Era loura, de pele muito branca e tinha os olhos azuis, de uma beleza que nunca perderia. Durante a infância era muito parecida com a arquiduquesa Maria Clementina, nascida pouco depois de ela completar um ano e a quem, em família, chamariam simplesmente de Maria.

Segundo os *Diários* de uma condessa dinamarquesa que visitou Viena no ano do nascimento de Maria, a imperatriz estava tão apaixonada pelo marido que tentava evitar que se relacionasse com outras mulheres da corte. O estilo de vida que impunha à família imperial, que alguns chamariam equivocadamente de «burguês» pela sua aparente simplicidade, teria sido, segundo a condessa, uma forma de garantir que o marido não se encontrasse em demasia com algumas das belíssimas mulheres da Aristocracia vienense.

Por seu lado, os burgueses de Viena consideravam Maria Teresa uma mulher de virtude intocável, que realizava as obras de caridade esperadas de uma imperatriz, tarefa na qual se fazia acompanhar pelas filhas à medida que iam crescendo.

Nos citados diários, narra-se uma cena que terá tido lugar nos jardins do palácio de Laxenburgo, onde a família imperial costumava passar parte da primavera e do verão.

Um *estrangeiro* «viu o imperador sentado sozinho num banco, absorto nos seus pensamentos. De imediato a imperatriz se aproximou dele para o abraçar, ao que ele exclamou: “Por que razão nunca me deixas sozinho para que eu possa respirar por um momento? Por amor de Deus, não estejas sempre a seguir-me”». <sup>1</sup>

Maria Teresa também era criticada por passar muitas tardes a cantar e a atuar em comédias que eram representadas no círculo familiar mais íntimo dos Habsburgo. Em boa verdade, a imperatriz não pareceu muito preocupada quando, em 1799, os pais foram destronados pela chamada Revolução Napolitana, herdeira da francesa. A avó materna de Leopoldina acabou por se refugiar na ilha da Sicília.



A irmã preferida da rainha Maria Antonieta não foi a única parente próxima da futura esposa de Pedro de Bragança a perder o trono naquele ano. As tropas revolucionárias francesas também derrubaram o grão-duque da Toscana, tio paterno de Leopoldina. O papa, que estava sob proteção do grão-duque desde que os Franceses tinham entrado em Roma e ajudado a declarar a República Romana, foi levado para França.

Conta-se que Maria Teresa ficou muito comovida ao saber que o pontífice tinha morrido na prisão e que as suas exéquias haviam sido humilhantes. Colocado num simples caixão de madeira como o que então era usado pelos pobres, foi enterrado no final de janeiro de 1800 num cemitério local com uma lápide que rezava: «Cidadão Gianangelo Braschi — profissão, papa.»

Durante séculos, a Casa de Habsburgo fora um dos pilares do pontificado romano, e, de certa forma, era lógico que a imperatriz se sentisse afetada pela sorte de um dos seus representantes. Contudo, também é possível que os nascimentos sucessivos dos seus filhos a tivessem tornado mais sensível a certos acontecimentos.

Depois de dar à luz Maria Clementina, a imperatriz havia trazido ao mundo um segundo filho varão e, em 1801, a arquiduchessa Maria Carolina, futura princesa da Saxónia. No ano seguinte, nasceria o arquiduque Francisco Carlos.

Deste modo, ao completar cinco anos, Leopoldina fazia parte de uma família unida formada pelos diversos irmãos com os quais passava grande parte do dia, pois «os meninos e as meninas tiveram inicialmente uma ama em comum para além dos pajens e escudeiros; e cada criança tinha, ainda, uma aia e criadas de quarto próprias».

«A aia era responsável pelo bem-estar físico e pelo guarda-roupa das arquiduquesas.»<sup>2</sup> No caso de Leopoldina, tratava-se de Francisca Annonny, «uma mulher simples e feia, mas muito fiel e extremamente dedicada à “sua” arquiduquesa»<sup>3</sup>.

Mais tarde, cada uma delas teve a sua própria precetora, cuja tarefa era «o ensino das boas maneiras, do protocolo e da etiqueta»<sup>4</sup>. «Convém notar que, sendo sempre orientadas e vigiadas, dificilmente poderiam as princesas desenvolver um sentimento de independência, de autonomia e de vontade própria.»<sup>5</sup>

Apesar disso, entre os cinco e os seis anos, já eram visíveis em Leopoldina os traços gerais do seu temperamento. De caráter alegre, também podia mostrar-se reservada e não raras vezes melancólica. Ora brincalhona como a mãe, sem muita capacidade de concentração; ora agindo com grande energia e determinação. Por vezes, mostrava-se caprichosa e volúvel, outras vezes indolente e «teimosa»<sup>6</sup>.

Aos seis anos já estava impresso no seu espírito um sentimento que não a abandonaria até ao último instante da sua vida: um amor forte e apaixonado pela arquiduquesa Maria Luísa, cinco anos mais velha, «seu modelo e irmã predileta».

Maria Luísa Leopoldina Francisca Teresa Josefa Lúcia era chamada em família apenas Luísa, sendo também a favorita do imperador Francisco II.

Apesar de ter tido a seu lado, como precetora, uma mulher culta proveniente de uma linhagem da alta aristocracia italiana (Colloredo), cujos parentes ocupavam cargos importantes na corte dos Habsburgo, a primogénita Luísa acabaria por preferir a jardinagem, a culinária e o bordado às atividades intelectuais; no entanto, apreciava a leitura e a pintura.

Como quase todos os membros da sua família, Luísa era apaixonada pela música e tocava piano muito bem.



Tal como acontecera com a irmã mais velha, Leopoldina começou a sua educação formal pouco depois de completar seis anos. «Existem nos arquivos de Viena as chamadas *Atas de educação para as arquiduquesas Leopoldina Carolina Josefa e Maria Clementina Francisca*, datadas de 13 de abril de 1803 e assinadas pelo então Chanceler Colloredo»<sup>7</sup>, mas pouco se pode concluir desses documentos, exceto que as duas irmãs teriam sido educadas em conjunto.

Quanto aos primeiros passos da educação intelectual de Leopoldina, decerto deverão ter sido seguidos os princípios anteriormente estabelecidos pela precetora Vittoria di Colloredo para a sua irmã mais velha, mas sempre respeitando as diretrizes imperiais.

Para o imperador era «necessário começar por estudar cabalmente o caráter das crianças, formando-as segundo as suas tendências». Parece, contudo, que a imperatriz Maria Teresa se preocupava sobretudo que Leopoldina aprendesse bem as suas lições.

Também se empenhava em inculcar nos filhos, sobretudo nas filhas, um dos princípios basilares da dinastia dos Habsburgo, que era «o respeito quase religioso para com a vontade dos pais e especialmente a do pai imperador, cuja vontade era a lei suprema em todas as questões familiares e políticas e constituía o fundamento da Casa da Áustria»<sup>8</sup>.

Logicamente, fazendo parte de uma monarquia que incluía muitas nacionalidades, cada uma delas com o seu idioma, Leopoldina recebeu instrução em pelo menos três das cinco línguas principais utilizadas no império. A começar pelo alemão, que, segundo testemunhos posteriores, Leopoldina falava com sotaque vienense, mas cuja sintaxe nunca chegou a dominar por completo na escrita, como se pode comprovar nas cartas que dirigiu a Luísa, a maior parte escrita nesse idioma.

Quanto ao francês, a língua da diplomacia da época, tê-la-ia falado na perfeição, mas a sua escrita revelaria os mesmo defeitos que o alemão. Também tinha conhecimentos aceitáveis de italiano,

que começou a estudar aos 12 anos, apesar de os pais terem nascido e vivido muitos anos em Itália. Anos mais tarde, dedicar-se-ia ainda ao estudo do inglês.

É provável que, em adulta, guardasse gratas recordações dos seus tempos de aluna, pois, numa carta escrita a Luísa quando já vivia no Brasil, contou à irmã que ainda conservava, em Viena, os seus livros de infância.<sup>9</sup>



Para além de conviver com os seus primeiros mestres e com o sacerdote de serviço que a acompanhava nas suas devoções, Leopoldina foi habituada desde pequena a estar em contacto com a natureza.

«Nas redondezas da residência de verão de Laxenburgo existiam muito animais, cães e cavalos, e a cada criança era atribuído um pequeno jardim para que se familiarizasse com as ferramentas de jardinagem, cuidasse dos canteiros e dos herbários, e aprendesse os nomes das plantas.»<sup>10</sup> Na adolescência, Leopoldina chegaria mesmo a ocupar-se da reprodução da sua cadela preferida, *Juana*.

Os traços caprichosos do seu carácter parecem ter ficado refletidos numa pequena obra de arte realizada pouco depois de ter começado os seus estudos. Trata-se de um alto-relevo de gesso pintado sobre um fundo de pórfiro, que ainda hoje é conservado num museu de Viena: chama-nos a atenção a vivacidade, algo inquieta, do seu olhar; tem olhos salientes e a boca carnuda, e leva os cabelos curtos, quase como um menino, contrastando com as bochechas rechonchudas.

Falou-se de «outro defeito que foi apontado pelos seus compatriotas [...] o vício da gulodice, que não chegava a ser propriamente o pecado capital da gula, mas que teve consequências no seu físico»<sup>11</sup>.

Apesar de as arquiduchessas terem um mestre ou um professor para cada matéria, a imperatriz encarregava-se de controlar todas as lições das filhas. Numa das suas cartas mais antigas das que foram conservadas, datada de 1804, lê-se: «Leopoldina promete ao pai trabalhar com diligência para lhe dar prazer.»<sup>12</sup>



No ano em que a arquiduquesa Leopoldina começou os seus estudos primários, Napoleão Bonaparte foi proclamado imperador dos Franceses em Paris, em maio de 1804. A proclamação teve consequências de peso para o Sacro Império Romano-Germânico, mas também para Leopoldina e para a sua família, que em agosto cresceu com o nascimento de gémeos, os arquidukes João Nepomuceno e Maria Ana. O primeiro seria enfermo, a segunda mentalmente débil — efeitos prováveis dos numerosos casamentos consanguíneos da sua dinastia.

Depois de um plebiscito popular em que Napoleão contou com a confirmação da maioria dos Franceses, o corso havia-se coroado a si mesmo, tendo depois colocado a coroa na cabeça da mulher, Josefina de Beauharnais, avó paterna da segunda imperatriz do Brasil e rainha de Portugal, Amélia de Leuchtenberg.

Foi uma cena verdadeiramente invulgar, pois teve lugar na catedral de Notre Dame de Paris, na presença do papa Pio VII como mero observador e testemunha — tal como se pode ver no Museu do Louvre dessa cidade, num quadro pintado por Jacques Louis David, o artista que tinha presenciado os momentos finais da vida de Maria Antonieta ao ser conduzida à guilhotina numa carroça e que os registara num pequeno mas muito expressivo desenho.

Em consequência da coroação, o imperador Francisco II tornou a aliar-se aos Russos e aos Britânicos, como havia feito durante a Revolução, no que chamou a «Terceira Coligação». Como reação, Napoleão deu início à chamada Campanha da Áustria, cujo objetivo principal era levar os exércitos imperiais franceses até Viena.

Foi assim que, pouco depois de Leopoldina ter começado «o ensino primário, foi interrompido em 1805. Os exércitos franceses aproximavam-se rapidamente, e toda a família se viu obrigada a fugir de Viena. Enquanto outros membros da família imperial se dirigiam para Budapeste, a imperatriz, sem perder a calma num único momento, retirou-se para a Morávia na companhia da arquiduquesa Leopoldina. Apesar de doente, continuou em fuga, dirigindo-se para a Silésia»<sup>13</sup>.



Quando, em finais de 1805, Napoleão entrou em Viena vindo de Buda, a parte ocidental da atual capital húngara, Maria Luísa enviou à mãe palavras esperançosas sobre a vitória do pai e sobre a humilhação a que seria submetido «o usurpador».

Mas a arquiduquesa estava errada. Como escreveu um famoso biógrafo de Maria Antonieta, «o troar furioso dos canhões dirigidos à Áustria quebrou a camada de gelo da cavalaria russa em Austerlitz»<sup>14</sup>. Esta foi a decisiva vitória francesa que teve lugar no segundo dia do mês de dezembro de 1805 e que seria chamada então de «Batalha dos Três Imperadores» (o francês, o austríaco e o russo).

No Tratado de Presburgo, assinado um dia depois do Natal desse ano, França impôs aos Habsburgo a retirada da guerra, a cedência de terras do império aos estados alemães que tinham apoiado Napoleão e uma indemnização de 40 milhões de francos.

A união desses estados alemães numa Confederação implicou de facto a dissolução do Sacro Império Romano-Germânico, que tivera início na basílica de S. Pedro de Roma na noite de Natal do ano 800, quando o então papa reinante havia colocado o prestigiado diadema imperial sobre os longos cabelos louros de Carlos Magno, até então rei dos Francos. Uma coroa que havia estado na cabeça dos Habsburgo por quase seis séculos.

Se já antes dessa evidente humilhação hierárquica Napoleão era considerado pelos filhos de Francisco II — por Leopoldina inclusive — um vulgar intruso, a partir de então começariam a sentir por Bonaparte um ódio profundo. Com o seu habitual pragmatismo, o pai da arquiduquesa transformou a Áustria num império, alterou a numeração do seu título e passou a intitular-se Francisco I da Áustria.

Enquanto Napoleão e «as suas mãos ávidas de poder se estendem como asas de águia sobre o mundo inteiro, de Oriente a Ocidente»<sup>15</sup>, no início de 1806 a imperatriz Maria Teresa e a sua filha Leopoldina regressam à capital do novo império austríaco.



Pouco tempo depois de ter chegado a Viena, Leopoldina soube que os soldados franceses tinham invadido Nápoles e que os seus avós, anteriormente afastados do trono por um breve período pela chamada Revolução Napolitana, haviam sido de novo derrubados.

Desta vez, a rainha Maria Carolina e o marido refugiaram-se na Áustria. No início da primavera daquele ano, a avó materna de Leopoldina já se encontrava instalada no castelo de Betzdorf, um antigo pavilhão de caça ao estilo italiano que se ergue na atual periferia ocidental de Viena.

A presença dessa mulher muito inteligente, dotada de sentido de humor, mas também muito autoritária, criou alguns conflitos com a imperatriz, sua filha, mas contribuiu para enriquecer a formação dos netos, os pequenos arquidukes. E, sem dúvida, influenciou a forma como as arquiduquesas foram educadas, sobretudo no que diz respeito aos seus futuros casamentos.

Muitos anos antes, quando tinham dito a uma extremamente jovem arquiduquesa Maria Carolina que devia casar-se com o rei de Nápoles, um homem de «rara fealdade», ela queixara-se à mãe. Contudo, fazendo jus à célebre obediência das mulheres da sua dinastia, acabara por acatar a decisão dos mais velhos.

Segundo conta um nobre britânico que privou com a arquiduquesa, pouco depois da sua chegada a Nápoles Maria Carolina teria dito que o marido «dormia como um morto e suava como um porco»<sup>16</sup>. Porém, talvez se tivesse tratado de uma *boutade* inventada anos depois do seu casamento com o objetivo de desprestigiar uma rainha consorte mais inteligente que o marido, e que, com o passar do tempo, tinha conseguido exercer uma influência notável nos assuntos do governo depois de se tornar indispensável ao rei «nas coisas pequenas». Ainda que isso significasse ter de engravidar 17 vezes.

Não restam dúvidas de que a rainha napolitana contaria às netas arquiduquesas a sua própria versão das causas da trágica morte de Maria Antonieta.